

MAQUIAVEL E AS ORIGENS DO PENSAMENTO POLÍTICO MODERNO

Edson Bellozo¹

INTRODUÇÃO

Este pequeno texto busca apresentar alguns aspectos relevantes da vida de um dos autores mais lidos em todos os tempos, cuja importância para as Ciências Humanas é incontestável, mesmo chegando-se a quase meio século de sua morte e da publicação de sua obra mais famosa, *O Príncipe*. Além dos aspectos da vida e da obra, vale ressaltar também, o contexto histórico, a efervescência social, cultural e política em que viveu Maquiavel, fazendo surgir às circunstâncias essenciais que notabilizaram este autor, tendo vasta influência mundo afora.

As linhas que se seguem não têm a pretensão de trazer uma análise profunda do pensamento de Maquiavel, mas servem como uma introdução ao pensamento do mestre florentino e seus aspectos mais relevantes, sobretudo àqueles que conhecem somente o sentido pejorativo que foi absorvido deste pensador, cuja expressão, *maquiavélico*, acabou se tornando sinônimo de malvadeza, premeditação. Isto se deve indubitavelmente às interpretações equivocadas da obra deste filósofo, ofuscando muitas vezes a importância incontestável nas diversas áreas do conhecimento.

Indiferente à diversidade de interpretações, seu pensamento segue mais vivo do que nunca, o que o torna um autor indispensável para quem busca melhor entender as muitas faces da política, seja no contexto em que viveu Maquiavel, seja nos acontecimentos que sucederam sob a influência d'*O Príncipe* mundo afora.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, professor dos departamentos de Serviço Social e Direito da UCP, Faculdades do Centro do Paraná.

1 VIDA E OBRA DE MAQUIAVEL

Nicolò Machiavelli (Nicolau Maquiavel) nasceu em Florença, na Itália, em 3 de maio de 1469. Morreu em 1527, aos 58 anos. Foi um dos mais originais pensadores do renascimento, uma figura brilhante, embora em vida pouco tenha desfrutado deste reconhecimento.

A vida de Maquiavel tem como pano de fundo o período de maior esplendor cultural de Florença, do mesmo modo como ocorre o seu rápido declínio e grande vulnerabilidade, sofrendo com as lutas em torno de sua conquista. Este período é marcado por grande instabilidade política, por guerras, intrigas e pelo desenvolvimento cultural dos pequenos estados italianos, pela presença da igreja e a disputa desta, juntamente com França, Espanha, grandes potências da época, na luta pela hegemonia europeia. A constante alternância de poder na igreja, com papas se sucedendo entre famílias rivais bem como suas alianças com, ora aliados, ora inimigos, se reflete diretamente na vida política do pequeno estado florentino.

Filho de um advogado renascentista, durante sua vida viu florescer a cultura e o poder político de Florença, sob a direção política de Lourenço de Medici, o Magnífico. Veria também o crepúsculo do poder da cidade quando o filho de Lourenço e seu sucessor, Piero de Medici, foi expulso pelo monge dominicano Savonarola, criador da República Florentina. Savonarola, defensor da reforma da Igreja, foi também expulso do poder e queimado.

Maquiavel serviu na administração da República de Florença, de 1498 a 1512, na segunda Chancelaria, tendo substituído Adriani, e como secretário do Conselho dos Dez da Guerra (*Dieci di Libertà et Pace*), a instituição que na *Signoria* tratava da guerra e da diplomacia. Tornou-se um conhecedor profundo dos mecanismos políticos e viajou incessantemente participando em vinte e três embaixadas a cortes italianas e europeias, conhecendo vários dirigentes políticos, como Luís XII de França, o Papa Júlio II, o Imperador Maximiliano I, e César Bórgia².

² NICOLAU Maquiavel. Filósofo político do século XVI. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/portal/biografias/maquiavel.html>. Acesso em: 4 mar. 2007.

Maquiavel foi secretário desta nova república, com uma posição importante e distinta. A república, entretanto, foi esmagada em 1512 pelos espanhóis que instalaram de novo os Medici como governantes de Florença.

Em 1500, foi enviado a França onde se encontra com Luís XII e com o Cardeal de Orleães. A sua missão mais memorável, aconteceu em 1502, quando visitou César Bórgia estabelecido na Romagna. Este encontro foi objeto de um relatório em 1503, intitulado «Descrição da maneira empregada pelo Duque Valentino [César Bórgia] para matar Vitellozzo Vitelli, Oliverotto da Fermo, Signor Pagolo e o Duque de Gravina, Orsini, no qual descreveu com uma precisão cirúrgica os assassinatos políticos impetrados pelo filho do Papa Alexandre VI Bórgia, explicando detalhadamente a arte política ao principal dirigente de Florença, o indeciso e temeroso Pietro Soderini.

Maquiavel casou em 1502 com Marietta Corsini, com quem teve quatro filhos e duas filhas. Em 1504 regressa a França, e no regresso, inspirado nas suas leituras sobre a História Romana, apresenta um plano para a reorganização das forças militares de Florença, que é aceite. Em 1508 é enviado à corte do imperador Maximiliano, estabelecido em Bolzano. Em 1509 dirigiu o pequeno exército miliciano de Florença para ajudar a libertar Pisa, missão que foi coroada de sucesso, e em 1510 está de novo na França. Em Agosto de 1512, devido à invasão espanhola do território da república, a população depôs Soderini e acolheu os Médici.

Quando os Medici retomam o governo, Maquiavel trabalha de forma incansável para obter o reconhecimento da família, e desta forma, pode se dedicar àquilo que acreditava ser sua verdadeira vocação: sua devoção aos assuntos do Estado. Neste sentido, parece sua vocação e dever estar acima de quaisquer interesses, seja quem for os detentores do poder.

Por ter sido gonfaloneiro³ da República florentina, é visto com desconfiança pelo governo dos Medici, até ser demitido em sete de Novembro de 1512, preso e torturado em 1513, sendo depois exilado à propriedade que

³ **Gonfaloneiro** (de *gonfalonieri*) era uma função muito prestigiada nas comunas da Itália renacentista e medieval, principalmente em Florença. O termo deriva da palavra "gonfalone", bandeira ou entandarte das cidades-Estado, no caso de Solderine, era o cargo mais importante ocupado em Florença.

herdara da família, em São Casciano. No retiro forçado, tenta ardorosamente voltar às graças da família que ocupa o poder, sendo deste período as mais importantes obras, como: *Os discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* e *O Príncipe*.

Com exceção de algumas nomeações para postos temporários e de pouca importância, em que se conta em 1526 uma comissão do Papa Clemente VII para inspecionar as muralhas de Florença, e do seu amigo Francesco Guicciardini, comissário Papal da Guerra na Lombardia, que o empregou em duas pequenas missões diplomáticas, passou a dedicar-se à escrita, vivendo em San Casciano, a alguns quilômetros de Florença.

Em maio de 1527, tendo os Médici sido expulsos de Florença, novamente tentou recuperar o seu lugar na Chancelaria, mas o posto foi-lhe recusado devido à reputação que *O Príncipe* já lhe tinha granjeado. Pouco tempo depois morreu, depois dos saques à Roma.

Dois das obras de Maquiavel foram publicadas em vida, *La Mandragola* (A Mandrágora), de 1515, publicada em 1524, um grande sucesso na época, ainda hoje considerada uma das mais brilhantes comédias italianas, e o tratado *Arte della guerra* (A Arte da Guerra), de 1519-1520, que tem como cenário as reuniões intelectuais dos *Ortii Oricellari* (Jardins de Rucellai), local onde se reunia a Academia Florentina e onde tinha sido colocada a estatuária retirada aos Médici.

Foi neste cenário que Nicolau Maquiavel leu uma versão dos seus *Discorsi sopra la prime deca di Tito Livio* (Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio), escritos em 1517 e publicados em 1531. As suas outras obras incluem a *Vita di Castruccio Castracani* (1520), um *condottieri* que governou Lucca de 1316 a 1328, uma *Istorie Fiorentine* (escrita entre 1520 e 1525), as comédias *Clizia* (escrita por volta de 1524) e *Andria*, o conto *Belfagor*, e a sua mais conhecida obra *Il Principe* (O Príncipe) escrito 1513 e publicado em 1531.

Tanto nos *Discursos* quanto em *O Príncipe*, aparecem o que alguns intérpretes de sua obra chamam de um novo paradigma na visão que separa a política da ética, de acordo com a tradição ocidental utilizadas até então. Um modo de ver a política ligada a termos claros e específicos, certo e errado. A

moral é usada como parâmetro da ação humana, de acordo com esta percepção também se fazia presente na análise da ação política.

Sem o recurso a ética ou à moral, Maquiavel é o primeiro a discutir a política e os fenômenos sociais, podendo-se apregoar ao pensador florentino também o pioneirismo na utilização do método científico de Aristóteles e de Averróis à política, observando os fenômenos políticos através da leitura de “*tudo aquilo que havia sobre o assunto e os descrevendo a seu próprio tempo*”.⁴

Deliberadamente distancia-se dos ‘tratados sistemáticos da escolástica medieval’ e, à semelhança dos renascentistas preocupados em fundar uma nova ciência física, rompe com o pensamento anterior, através da defesa do método da investigação empírica⁵.

O aspecto fundamental da política nada tinha a ver com religião ou moral, a menos que estes aspectos fossem essenciais à manutenção do poder. Este sim, uma vez alcançado, devia ser assegurado sob quaisquer circunstâncias. Esta era a essência verdadeira da política, ou seja, a conquista e a manutenção do poder eram os verdadeiros objetivos desta. Aí reside a *virtù* do príncipe: saber o que fazer e o que dizer em cada circunstância.

Por preconizar a astúcia ante a ética, Maquiavel foi, durante muito tempo, visto como o teórico do despotismo, da tirania e da perfídia, ao que responde ao ser desta acusado, “*se ensinei aos Príncipes de que modo se estabelece a tirania, ao mesmo tempo mostrei ao povo os meios para dela se defender*”.⁶

Apesar da clareza do estilo com que Maquiavel escreve, existe grande variedade de interpretações acerca de seus escritos, possibilitando inúmeras interpretações e, certamente, ofuscando muitas vezes seus reais significados.

A *virtú* em Maquiavel, tem a conotação de virilidade, no sentido de que os indivíduos com tal qualidade, são definidos fundamentalmente pela capacidade de impor sua vontade em situações de grande dificuldade, por meio de uma combinação de caráter, força e cálculo. Da *virtú*, que se conquista

⁴ NICOLAU Maquiavel. Filósofo político do século XVI. Op. Cit.

⁵ WEFFORT, Francisco C. (Org). Os Clássicos da Política. In: SADEK, Maria Tereza. Nicolau Maquiavel, o cidadão sem Fortuna e o intelectual de virtù. São Paulo: Ed. Atica, 2003. p.23.

a *fortuna*, entendida com conotações femininas, vulnerável se susceptível àquele portador de maior *virtu*. Reporta-se a referencia da tradição ao amor cortesão, onde a mulher que constitui o objeto do desejo é abordada, cortejada e implorada. O ideal de príncipe idealizado pelo pensador florentino não visa cortejar ou implorar à *Fortuna*, mas ao encará-la, agarra-a de forma viril de modo a impor seus desígnios. Esta idéia representa de certo modo a idéia renascentista, sob a ótica do *locus* político, ao que propõe ao ser humano ser dono de sua vontade, capaz, portanto, de arrumar o caos da política da época.

Como o poder se funda exclusivamente em atos de força, é previsível e natural que pela força seja deslocado, deste para aquele senhor. Nem a religião nem a tradição, nem a vontade popular legitimaram e ele tem de contar exclusivamente com sua energia criadora.⁷

A base de seus ensinamentos está calcada nos acontecimentos passados, visando um objetivo comum, que é a unificação da Itália, que se encontra desorganizada e vulnerável a toda sorte de conluios e conspirações. Esta unificação só será possível graças à ação de um príncipe que possua as qualidades preconizadas em sua obra mais famosa, *O Príncipe*, observadas na história romana, da qual Maquiavel constantemente se reporta, de modo que, está presente em seu pensamento, a lição que a história nos dá.

Aparecem de forma clara seus sentimentos em torno da idéia da unificação da Itália, onde as raízes do capitalismo comercial, propulsores da pujança de outras nações, ali nascera dois séculos antes. Esta tarefa, só seria possível graças à ação de um homem que se enquadrasse no perfil preconizado pelo príncipe, inspirado na figura de César Borgia, o filho do papa, que reunia as qualidades de um líder, figura carismática que defendesse seu povo sem escrúpulos e nem medir esforços.

Por meio de suas viagens à França, adicionada à sua vivência em meio a incessantes conflitos e troca de mãos das rédeas da região, adquiriu a experiência e a noção do quanto era insignificante para a conjuntura da época

⁶ EIDE, M. C. O pensamento vivo de Maquiavel. São Paulo: Martim Claret, 1986. p.49.

⁷ EIDE, M. C. O pensamento vivo de Maquiavel. Op. Cit. p.15.

um pequeno estado, como Florença. Por outro lado, Maquiavel é um dos primeiros pensadores a preconizar a necessidade da manutenção de um exército permanente, bem treinado e doutrinado às convicções do Estado. Para isso, aparece em seus escritos a importância da religião, certamente, no sentido exatamente de doutrinar e não propriamente de libertar o indivíduo. “Sem dúvida, Maquiavel acreditou que o cristianismo era boa religião. Para escravos, bem entendido”.⁸

A história, sob a ótica maquiaveliana, se repete, tornando-se a mestra da vida. O palco onde se dá a representação humana, suas ações, segue um roteiro comum ao longo do tempo, o que leva a entender que mudam os personagens, os cenários, mas seguem-se os mesmos roteiros. Neste sentido, prevalece o comportamento humano, que de acordo com os mesmo instintos e ideais, vulneráveis às fraquezas e infortúnios, são susceptíveis às mesmas desgraças, tomam, em determinadas circunstâncias, as mesmas atitudes. Entender o Estado, sob esta perspectiva, significa entender o homem antes de tudo, levando-se a percepção de que o Estado é aquele possível, não o idealizado. Ou seja, subentende-se que, deve-se agir de acordo com as circunstâncias reais, não as imaginárias (ideais).

Mesmo recebido pouca atenção em vida, não escapou ele, mesmo depois de sua morte, ter sua mais famosa obra, *O Príncipe*, caído no *índice* da igreja e tido como escritos das mão do diabo.

Praticamente cinco séculos passados do período em que viveu, seu pensamento continua sendo influente e seu nome invocado, seja nos círculos intelectuais, seja em nível do senso comum, com a conotação que tomou seus mandamentos, como visto anteriormente, com base nas variadas interpretações que se deram ao logo da história, serviram aos mais diversos e antagônicos pontos de vista, servindo de ideal para a unificação da Itália no século XIX, a reis, déspotas e a socialista, como bem o interpretou Gramsci.

Referências:

⁸ LOPES, Marcos Antônio. Tempo e História em Maquiavel. Revista Locus, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p.64, 2003.

EIDE, M. C. **O pensamento vivo de Maquiavel**. São Paulo: Martim Claret, 1986.

GRUPPI, Luciano. **Tudo Começou com Maquiavel**. Porto Alegre: L & PM Editores, 1988.

LOPES, Marcos Antônio, Tempo e História em Maquiavel, **Revista Locus**, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, 2003.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Vida e Obra**. São Paulo: Abril Cultural, 2000.

NICOLAU Maquiavel. Filósofo político do século XVI. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/portal/biografias/maquiavel.html>. Acesso em: 4 mar. 2007.

WEFFORT, Francisco C. (Org). Os Clássicos da Política. In: SADEK, Maria Tereza. **Nicolau Maquiavel, o cidadão sem Fortuna e o intelectual de virtù**. São Paulo: Ed. Atica, 2003.

SUGESTÃO PARA LEITURA

AMES, José Luiz. *Maquiavel: a lógica da ação política*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

BARROS, Vinícios Soares de Campos. *Introdução a Maquiavel – Uma teoria do Estado ou uma Teoria do Poder?*. São Paulo: Edicamp, 2004

BATH, Sérgio. *Maquiavelismo: a prática política segundo Nicolau Maquiavel*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BIGNOTTO, Newton, *Maquiavel Republicano*. São Paulo: Loyola, 1994.

CHEVALLIER, Jean Jacques; CRISTINA, Lydia. *As Grandes Obras Políticas De Maquiavel a nossos dias*. (tem na biblioteca da UCP)

DE GRAZIA, Sebastian. *Maquiavel no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

ESCOREL, Lauro. *Introdução ao pensamento Político de Maquiavel*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. 3.ed. Brasília, EdUnB, 1994. 436p.

NIVALDO, José. *Maquiavel, o Poder*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

STRATHERN, Paul. *Maquiavel (1469 - 1527) em 90 minutos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

VIROLI, Maurizio. *O Sorriso de Nicolau*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.